

VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

PEDAGOGIA DA IMAGEM E MUTAÇÕES JUVENIS NA CONTEMPORANEIDADE

Rafaela Rodrigues da Conceição¹

Resumo: Partindo do campo dos Estudos Culturais este trabalho busca realizar uma análise acerca das contribuições que a Pedagogia da Imagem oferece para se pensar as visualidades juvenis contemporâneas. Visto que essa é de suma importância para entender os deslocamentos que as atuais juventudes estão configurando, num sentido, de integrar e relacionar as vastas redes de visualidades. Ou seja, um estudo que pretende desvendar as constantes representações, identificações, expressões e significações que os jovens realizam a partir da ligação com duas artes – as histórias em quadrinhos (sétima arte) e o cinema (nona arte), na medida em que estes interligam e conectam as múltiplas juventudes existentes.

Palavras-chave: Mídias, Juventudes, Pedagogia da Imagem.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).
E-mail: rodrigues_ufrj@yahoo.com

O conceito de juventudes abrange as multiplicidades juvenis existentes nas metrópoles, ampliando o sentido de que nenhuma juventude se sobrepõe a outra, mas sim que todas contribuem para a dinâmica social a fim de comprovar que “(...) não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si” (UNESCO, 2007, p. 27). Este viés confirma que os jovens estão conectados ao conceito de construção social, não sendo apenas um grupo etário, mas “uma classe separada, grupal” que “contrasta com as realidades da classe econômica e social” (SAVAGE, 2009, p.14), que rompe e constrói paradigmas socioculturais, num movimento mutável, ou seja, que não é fixo. O documento da UNESCO (2007) comprova a afirmação quando aborda que a juventude,

por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc (p. 23).

Por isso é importante ressaltar que os jovens marcam e rompem séculos, por estarem presentes, como ninguém, em cada momento da história. Marcam, no sentido de estarem presentes, seja na maneira de se expressar ou de se opor a certas instituições. E rompem por desestigmatizar fronteiras, até então, limitadas para o indivíduo. Este rompimento garante que as forças dos jovens atuem como dínamo principal para as mudanças, acompanhando a velocidade das mesmas e, na maioria das vezes, ultrapassando-as. Como sublinha Abramo (2001, p. 22):

(...) a condição juvenil sofreu grandes transformações nas últimas décadas; hoje é difícil dizer que se resume à preparação para uma vida adulta futura: a juventude se alargou no tempo e no espaço social, e ganhou uma série de conteúdos próprios. Isto é, deixou de ser um momento breve de passagem, restrito às classes altas e médias, não só porque a educação foi largamente expandida, pois não é mais definida exclusivamente pela condição estudantil, mas por uma série de movimentos de inserção em diversos planos da vida social; inclusive no mundo do trabalho, na vida afetiva/sexual, na produção cultural, na participação social etc.

As juventudes decorrem por um processo de ressignificação, assim para se compreendê-las no contexto contemporâneo, faz-se necessário subentendê-las, considerando suas pluralidades de informação no seu universo, na qual, o significado dessa condição juvenil encontra-se diretamente vinculado ao mundo cultural que os jovens compartilham, seja no âmbito da escola, da família ou do trabalho. Seguindo por essa linha do processo transitório, podemos dizer que ser jovem é muito mais do que

uma mera fase da vida, mas uma condição, um pensamento, uma ação, logo, se está jovem e não se é jovem.

O transcorrer histórico das juventudes, ainda que breve, demonstra ser a tangente de uma linha tênue entre o passado e o presente, no qual, sua essência recai sobre identidades juvenis ainda presentes na atual conjuntura, demonstrando que as repressões e estigmatizações feitas dos jovens acontecem, independentes do período.

Se observarmos o final do século XVIII e início do XIX (na Europa), constataremos que a visão que se tinha dos jovens os equiparavam a anjos e demônios, ou seja, passavam “(...) a ser uma fonte de esperança e símbolo do futuro, por um lado, mas por outro era um grupo instável e perigoso”(SAVAGE, 2009, p. 30).

As faces juvenis se mostravam contraditórias para o sistema, por ecoar dois tipos de jovens que se desencontravam inteiramente. Podia-se encontrar, por um lado, excelentes rapazes e moças que interagiam “perfeitamente” com a sociedade, agindo conforme suas leis e normas, mesmo que com elas não as concordasse, e por outro, jovens estranhos, com comportamentos e atitudes diferenciadas, chegando a serem qualificados como bagunceiros, arruaceiros e infratores, por se voltarem contra uma normatização e sedentarização que privilegiava somente uma parte da sociedade.

Diante disso, é importante citar Abramo (1997, p. 29), por descrever que

(...) a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social – por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social –, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameace romper com a transmissão da herança cultural.

Com o propósito de trazer paz à ordem, em meados do século XIX, o nacionalismo entrou em cena, influenciando as mentes da sociedade com pensamentos e ideologias patrióticas. Tendo o militarismo como aliado, o nacionalismo partia do propósito de abrandar a euforia advinda dos jovens, que nesse momento, eram ratificados como baderneiros, desordeiros, arruaceiros e selvagens. A tranquilidade viria, segundo o militarismo, a partir do momento que os jovens tivessem um foco a seguir, ou seja, uma ação direcionada.

A escola, nesse momento, conveio para a formação de cristãos saudáveis, educando os jovens para serem disciplinados, evangelizados² e recrutados para o serviço militar, numa junção que apresentava jovens, com bravura física, rigor religioso e espírito de serviço. Haja vista, essa preparação não se estendia a todos, a atenção estava envolta apenas para os jovens de classe média, sendo os mesmos responsáveis por estender esses conhecimentos para a classe juvenil empobrecida. E os que não se encaixavam no tipo ideal eram fracos e pouco patriotas, significando assim uma ameaça ao futuro da raça.

A visão era um tanto pragmática quanto mística: Só os jovens despendem-se na vida sem angustias. Eles ainda não estão presos a esta terra pelos milhares de fios que a vida civil tece à nossa volta. Eles ainda não aprenderam a poupar horas da vida. O enigma que estão curiosos para resolver ainda está diante deles como um livro fechado. Eles escalam a montanha sem perceber a descida abrupta do precipício que há do outro lado (SAVAGE, 2009, p. 33-34).

No discurso acima, Savage salienta sobre a observação de Von der Goltz, tenente coronel do exército brasileiro. O mesmo ampliava sua fala dizendo que errado era “(...) dar aos jovens, tempo para se desenvolverem, o que estes selvagens precisavam era de educação escolar baseada em esportes e em seguida o alistamento em organizações pré-militares para cadetes” (ibidem, p.33). Esta visão expõe um novo tipo de masculinidade moral chamado de *Cristianismo Muscular*, que partia ao encontro de uma transcendência evolutiva que por fim desencadearia em apenas um destino racial. Esse sistema predominou por duas décadas, investindo nos jovens uma nova importância.

Velhos ideais juvenis de abnegação e transcendência foram substituídos por imprudentes desejos de autorrealização e gratificação imediatas. A sociedade projetava novos desejos, mas também abria caminho para manifestação de imagens reprimidas, acabando por criar seus próprios monstros. Esses momentos são marcantes para os jovens, pois os mesmos passaram a ser vistos com outro olhar e entendimento – notadamente, este último encontra-se impregnado de relações políticas, econômicas e de

² Esse evangelismo, refinado por organizações recrutadoras como a Associação Cristã de Moços (1884), Exército de Salvação (1878), Boy’s Brigade (1883) ou o escotismo do coronel Baden-Powell (1907), resultaria na eliminação do nacionalismo agressivo e do militarismo da 1ª Grande Guerra.

poder, permeando por todas as épocas sem mesmo poder ser desvinculado, até por fazer parte dos processos envoltos na dinâmica de uma sociedade.

Juventudes acerca de novas percepções

O surgimento das sociedades modernas ocasionou transformações de caráter estrutural e institucional, nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, como aborda Hall (2006), revelando um declínio das composições que eram até então, estabelecidas e fixadas. Em outras palavras, as identidades fragmentaram-se e/ou deslocaram-se, em vista da descentralização pós-modernista. Os movimentos das identidades juvenis se dilatam e se abrem para novos ritmos acompanhando o acelerado desenvolvimento das metrópoles. Nesse momento, o composto não trata apenas de uma única identidade, mas de várias identidades, denominadas provisórias, variáveis e relativas ao significado cultural e social atribuído – sistemas de significação. Ou seja,

(...) as identidades não são mais unitárias, igualitárias, compactas, ligadas a um sistema produtivo de tipo industrial, a um sistema reprodutivo de tipo familiar, a um sistema sexual de tipo monossexista, a um sistema racial de tipo purista, a um sistema geracional de tipo biologista. (...) Não existe mais uma categoria geral que possa englobar nela uma particular, ao longo de segmentos homogêneos (o caráter nacional) (CANEVACCI, 2005, p. 18-19).

As diferentes identidades constroem-se a partir da mobilização das fórmulas juvenis circulantes na sociedade, agindo como dínamo fundamental para uma atitude que representará o mundo, a multiplicidade, as disjunções e a fluidez das juventudes. “As imagens juvenis de maior relevância são seus corpos e falas geradores de imagens móveis, transitórias e transitantes de uma torrente de narrativas” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 11). Nesse sentido,

Poéticas que explicitam as redes de sentidos por meio das quais seus jovens autores inscrevem e descrevem suas vidas. Redes imagéticas em cujos movimentos fulguram suas criações, reproduções, irrealizações, fabulações e evocações, na permanente produção de suas próprias significações, suas autorias na instauração de seus próprios currículos (ibidem, 2007, p. 11).

As ações fundantes das conexões entre mídia e consumo no cenário urbano dão um *start* às circularidades das imagens, que constituem papel crucial à formação das culturas sociais. Para Canevacci, a mídia (discos, rádio, cinema) produz um novo tipo de sensibilidade e de sexualidade, modo e estilo de vida, valores e conflitos; a metrópole se difunde como cenário panorâmico, repleto de signos e sonhos (mediascape).

Nesse contexto, o dinamismo que envolve processo histórico e juventudes permite a compreensão dos pensamentos e expressões que compuseram o cotidiano de cada sociedade, ampliando sua cultura e decodificando suas normas e sistemas. “As identidades em conflitos estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem” (SILVA, 2007, p.25).

“Por essa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego do termo juventudes, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar à enorme gama de possibilidades presente nessa categoria”. (UNESCO, 2007, p. 24). Ou seja, discutir a compreensão das transformações modernistas e os processos que enfatizam o surgimento das novas identidades culturais, nesse momento, é uma tarefa que investiga a mediação das expressões juvenis com os sentidos e as identidades socialmente construídas das juventudes.

Diante disso, Canevacci aborda acerca das juventudes existentes e de suas múltiplas configurações:

Não existe uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja passível de resumir a um número, a um código ou uma receita. A síntese é o instrumento conceitual de ordem, nascido da polis, que aqui é rompido; o que resta – fragmentos líquidos – cruzasse e afastasse sem possibilidade alguma de reconstruir o quebra cabeça perspectivo do social (CANEVACCI, 2005, p. 8 – 9).

No século XIX, as transformações foram muito intensas, até por demarcar o início de uma nova visão e/ou olhar que as próximas décadas teriam com relação às juventudes. Essa ruptura, fez com que os jovens questionassem e indagassem a sociedade sobre o seu real papel, além de estimulá-los a terem audácia para promulgar suas expressões e maneiras de lidar com a liberdade. Catani e Gilioli (2008, p. 40) abordam que “as expressões de autonomia juvenil perante as instituições tradicionais e o mundo adulto eram vistas pela sociedade como perigosas e preocupantes desde o século XIX, atitude que ainda mantém sua força nos contextos urbanos da atualidade”.

As características, formas e expressões das culturas juvenis são adaptadas em acordo com o tempo, espaço e cultura de cada sociedade, mas ainda sim, é possível encontrar discursos sobre os jovens que perpetuam e decorrem de um século para outro. Pode-se citar como exemplo, o rótulo criado para a “geração 68”, que “(...) associava uma suposta cultura jovem (no singular) genérica à rebeldia política, à oposição aos sistemas autoritários, às utopias e ao desejo de mudança social” (CATANI; GILLIOLI,

2008, p. 71). Tais pensamentos sobre as juventudes já eram ecoados desde os primórdios do século XIX.

Os diálogos envoltos no fenômeno *juventudes* jamais tiveram tanta visibilidade como nos tempos atuais. Isto, ora é enaltecido pelos meios de comunicação e das divulgações, ora pelas manifestações sócio-culturais. Questões acerca das culturas juvenis vêm se confirmando em diferentes tempos e espaços e, por conseguinte, traçando seus ambientes peculiares e legítimos de asseveração de sua importância e necessidades. Nesse sentido, Savage aborda acerca do crucial papel que as juventudes vêm sendo vistas perante a sociedade

Por sua própria natureza, a juventude tem sido acusada de representar o futuro: a perene tipificação do adolescente pela *mass-media* como um gênio ou um monstro continua codificando as esperanças e os temores dos adultos com relação ao que vai acontecer. Ignorar aqueles que se destacam como precursores em favor daqueles que se apegam ao *status quo* é recusar envolver-se com o futuro, se não interpretar mal a própria juventude. (SAVAGE, 2009, p.16).

Esse tipo de representação juvenil está impregnado em Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Universidade Federal Fluminense (UFF) entre outras. nossa sociedade, fazendo das juventudes um alvo para profundas estigmatizações. Estilos, linguagens e atitudes tornaram-se mais aceitáveis; contudo ainda sofrem certas opressões e intimidações por parte de um sistema que dita como esses jovens deverão se comportar quando tomarem a forma adulta. Trata-se de um momento ilusório e momentâneo, que acabaria a partir do momento que o jovem entrasse para o mundo do trabalho e começasse a ter responsabilidades de “gente grande”. Ainda assim, deparamo-nos com a falta de apreciação pelas juventudes, resumindo-a a uma transição desordenada que, por conseguinte, levará os jovens para a fase dita como “principal”: a adulta. Catani e Gilioli (2008, p.36) ressaltam que, “ao observarmos tantas manifestações e expressões da(s) cultura(s) juvenil (is), fica claro que cada vez mais essa etapa de vida adquire caráter autônomo e vem deixando de ser mera etapa preparatória para o ingresso na vida adulta.”

Vale ainda lembrar, que as interações estabelecidas giram em torno da interlocução que as juventudes têm se expressado através de suas expectativas e esperanças, assim como sua concepção de sociedade. Nesse sentido, as transformações e intervenções ocorridas e sofridas pelos jovens fazem com que esses criem e recriem, a

cada momento, uma identidade cultural que contribuirá para a formação de seus estilos e modos de agir, pensar, dialogar e interagir com a sociedade.

Portanto, busco envolver intervenções midiáticas que, em parte, contribuem para a formação e construção dos jovens contemporâneos. Cabe lembrar que o intuito não é deixar de lado as estigmatizações que ainda permeiam pelo cotidiano das juventudes, mas sim, considerar toda a multiplicidade juvenil, estudando, especificamente, sobre dois meios que, unidos ou separados, influenciam na construção das identidades juvenis: os quadrinhos e o cinema.

Pedagogia da imagem: entre os quadrinhos e cinemas

A sociedade contemporânea situa-se através das visualidades. É fato que a “(...) velocidade e o volume de imagens que nos invadem e interpelam diariamente constituem uma espécie de avalanche que nos encharca e nos consome sem que tenhamos tempo para refletir, analisar ou exercer algum tipo de avaliação crítica sobre elas” (MARTINS, 2009, p. 34).

Nesta perspectiva, Victorio Filho e Berino (2007, p. 11) abordam que a “(...) relação com a imagem via o estudo das suas forças, ou seja, de suas potencialidades narrativas, convida a ir além da sua mera constituição visual, aproveitando esta, com o devido cuidado, como plataforma indiciária de partida”. “Então, quando falamos de visualidades, nos referimos a um processo de sedução, rejeição e cooptação que se desenvolve a partir de imagens. Esse processo tem sua origem na experiência visual” (MARTINS, 2009, p. 34).

Essa relação com o visual garante a circulação das mídias de massa que, por sua vez, produzem e reproduzem, constantemente, ideologias, conceitos e concepções. Diante disso, é ingênuo afirmar que as revistas em quadrinhos e o cinema não são mídias que possibilitam dialogar com as juventudes. Até porque,

(...) a vida vai se dando, meio a criações imagéticas que se desdobram, transportam e cumprem seus percursos sobre, entre e a despeito das escalas reguladoras que pretendem oficializar o que deve ser visível, quando e onde pode acontecer sua visibilidade. E nesse fluxo penetram e perpassam todos os espaços, sejam os mais e os menos destacados na escala hegemônica de valores (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 11).

Portanto, a pedagogia da imagem busca entender sobre essas imagens que circulam por toda sociedade desenfreadamente, fazendo com que os jovens descubram

seus modos de representação, identificação e expressão, num movimento constante de construção e desconstrução identitária que parte de uma dialogia, ou seja, a busca pela capacidade de promover o diálogo entre correntes de pensamento e visões de mundo, criando redes entre grupos e identidades socioculturais.

Nesse sentido, a pedagogia da imagem pode ser entendida como a pedagogia do relacionamento, “(...) que busca conexões para integrar a extensa rede de visualidades que, entrelaçadas, exibem a cotidianidade dos currículos como pontos de encontro, mais aproximativa do que é criativo e vivificadora na expressão das *praticantes*” (BERINO, 2010, p. 275). Vale ressaltar que as leituras sobre as criações imagéticas são inúmeras, e o que se pretende nesse estudo é apenas abordar sobre uma das muitas leituras que se podem alcançar.

Hoje, as revistas em quadrinhos e o cinema fazem parte do dia-a-dia de quase toda a população brasileira, visto isso, acredita-se que os estudos sobre as juventudes precisam estar sintonizados sobre os rumos que as linguagens juvenis estão tomando, a fim de estarem por dentro de questões que envolvam suas práticas, atitudes, pensamentos, representações, aspirações, expressões e interesses, num movimento de entender as intermitentes relações que estes possuem com o mundo, perguntando-se: Quem são esses jovens contemporâneos? Quais são suas aspirações e interesses? Quais são suas redes de comunicação?

É possível perceber que tanto as histórias em quadrinhos como o cinema são mídias imagéticas que influenciam nas construções juvenis, construções estas que são “(...) múltiplas e contrastantes criações identitárias, ora flagrantemente estampadas, ora fugazmente refletidas, nos seus corpos individuais e nos seus corpos coletivos”, sendo, deste modo “(...) redes imagéticas em cujos movimentos fulguram suas criações, reproduções, irrealizações, fabulações e evocações, na permanente produção de suas próprias significações, suas autorias na instauração de seus próprios currículos” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p.11-12).

Ambas as mídias vinculam-se ao rótulo “arte”, respectivamente a sétima e nona arte, o qual traz para as mesmas, uma confirmação de que não são apenas objetos de puro divertimento ou distração, mas que são saídas que, além de proporcionar interação com os leitores, possibilitam envolvimento com o universo juvenil contemporâneo, num

movimento contínuo de fruição da imaginação e da reflexão, retratando, em geral, sobre diversos assuntos envoltos nesse cotidiano juvenil. Deste modo,

(...) imagens que sugerem que o que vale a pena ser feito por seus autores, e de uma forma ou de outra acaba por ser prioritário, são além das experiências possíveis no âmbito das relações de amizade, coleguismo e companheirismo, às vezes permeadas por seus avessos, a invenção de modos e maneiras de fulgurar no mundo, maneiras, estas, eminentemente estéticas (VICTORIO; BERINO, 2007, p.12).

Quadrinhos e cinema são duas artes compatíveis, fortes entre si e antigas, nascidas a partir da Revolução Industrial, no final do século XIX. O surgimento contemporâneo das duas auxiliou na reciprocidade de linguagens que ambas se utilizam: iluminação, enquadramentos, profundidade de campo são algumas delas. Suas principais diferenças são suas caracterizações inerentes, enquanto o cinema consiste na rápida sucessão de fotos, dando ideia de movimento; os quadrinhos são imagens fixas e desenhadas. Quanto a compatibilidades, pode-se dizer que

(...) ambos lidam com palavras e imagens. O cinema reforça isso com som e a ilusão do movimento real. Os quadrinhos precisam fazer uma alusão a tudo isso a partir de uma plataforma estática impressa. O cinema usa a fotografia e uma tecnologia sofisticada a fim de transmitir imagens realistas. Mais uma vez, os quadrinhos estão limitados à impressão. O cinema pretende transmitir uma experiência real, enquanto os quadrinhos a narram. Essas singularidades, claro, afetam as tentativas de aproximação do cineasta e do cartunista (EISNER, 2005, p.75).

Estas podem ser relacionadas e entrelaçadas, na medida em que projetam uma imagem, seja ela estática ou em movimento, com o propósito de transmitir uma mensagem específica. Desta forma, é importante destacar que “(...) a exploração das imagens, para além das suas superfícies visuais, promete entendimentos importantes nas investidas investigativas das relações sociais cotidianas” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 12). São duas artes, duas mídias, que se interligam e ligam-se às juventudes através das imagens.

Na verdade, são duas influências que desde o século XIX eram desprendidas, ou seja, cada uma tinha o seu público específico, público este que experimentava de ambas ou apenas de uma arte, mas o fato é que eram dissociáveis. Atualmente, conta-se com o entrelaço de ambas, uma conecta-se à outra, juntando gerações, identidades e tempos juvenis dicotômicos.

Atualmente, as histórias em quadrinhos encontram-se submersas a inúmeros interesses de pesquisadores da área educacional. Exemplo disso é o trabalho desenvolvido na “Oficina de Educação Através de Histórias em Quadrinhos e Tirinhas”

(Eduhq), sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que hoje conta com a participação de várias instituições do Rio de Janeiro³. O foco do projeto parte ao encontro de

(...) beneficiar-se do fato de que as HQs ‘falam’ aos alunos por meio de uma manifestação artística, extremamente lúdica, composta de imagens articuladas entre si, com ou sem texto. Entre os jovens não há – ou há muito pouco – preconceito quanto à sua aceitação ou legitimidade cultural, especialmente os alunos de escolas públicas que moram em comunidades carentes, na periferia e nos subúrbios (CARRUSO *et al*, 2009, p. 219).

Não somente as histórias em quadrinhos, mas o cinema também traz narrativas contemporâneas que se apropriam de questões hoje relevantes para educação e autonomia dos jovens, até por ter uma linguagem que organiza formatos contemporâneos de visibilidades no domínio público, fazendo leituras acerca das visões de mundo, intervindo nas identidades e transformando as compreensões sobre as realidades do ser humano.

O cinema é considerado item reflexivo, que além de entretenimento, possibilita levar os indivíduos a questionamentos e ponderações acerca de suas vidas e imagens do mundo. Neste viés, é necessário afirmar que “(...) desde os primórdios do cinema há a pretensão de uma comunicação entre o que é mostrado para o público e a experiência do conhecimento da realidade” (BERINO, 2010, p. 29).

O importante é compreender que “(...) o cinema é tido como um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do século XX, razão pela qual não se pode ignorar a força, nem malbaratar o grande poder da educação, oferecido por esse meio” (SILVA, 2007, p. 50). Desse modo, o cinema, além causar efeitos de vibração, atração, imaginação, emoção e fascínio, é, sobretudo, conhecimento.

Assim, a dimensão do cinema como uma pedagogia da imagem viabiliza refletir quanto às significações que as imagens têm na vida dos indivíduos, pois além de proporcionar um aprimoramento no desenvolvimento crítico, abordam sobre visibilidades das diferenças e das culturas. Além de ser um canal importante de reflexão sobre as instituições escolares e as culturas juvenis na atualidade, cuja relação é problematizada, sobretudo, pelos Estudos Culturais em Educação.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Universidade Federal Fluminense (UFF) entre outras.

As emoções e vibrações estão presentes nos filmes, assim como nas histórias em quadrinhos, mostrando que esses conseguem penetrar e causar impacto na vida dos jovens. Apesar de serem artes dicotômicas, essas possibilitam o desenvolvimento de inúmeras questões contemporâneas. Nessa perspectiva, as narrativas visuais

(...) oferecem a possibilidade de se trabalhar questões da experiência formadora dos indivíduos que, de maneira geral, são constituídas por imagens ou referências imagéticas isoladas, dispersas. Essas imagens são de certa forma, marcas da trajetória e das vivências dos indivíduos. Processadas culturalmente como visualidades e transformadas em experiências, essas imagens tem fortes componentes emocionais que expressam sentimentos de alegria, satisfação, medo, insegurança, vergonha, timidez, tristeza, decepção etc (MARTINS, 2009, p. 36).

É perceptível a amplitude de relações que tais mídias envolvem, sendo um canal potente e sólido que expõe as representações que as juventudes vêm realizando. Assim, pode-se dizer “(...) que as narrativas podem mudar o modo de produção cultural e social porque, ao narrar imagens e visualidades, os indivíduos reorganizam sua experiência de modo que elas ganhem coerência e significado” (ibidem, p. 36).

As narrativas e imagens se entrelaçam na vida dos indivíduos, completando e formando linguagens que se desenvolvem através de uma “(...) reflexão pessoal, elaboração de idéias e imaginação, a partir de experiências individuais e coletivas de relações com o Outro, com a natureza, com objetos tecnológicos, que vamos tecendo nossas reflexões” (ALVES *et al*, 2004, p. 20).

Vale ressaltar que as narrativas provocam várias reflexões e identificações sobre a imagem e seus diferentes sentidos. Ou seja, elas são

(...) manifestações orais, escritas, sonoras e visuais que se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação. Uma seqüência de idéias articulada através de palavras faladas ou escritas, e/ou através de sons e imagens e condição para que uma manifestação seja reconhecida como narrativa. Seqüência e organização são elementos que dão algum tipo de unidade a idéias, falas, frases, sons e imagens que se complementam como narrativa (MARTINS, 2009, p. 33).

Submerso ao assunto, resalto que a dinâmica de fazer uma leitura das imagens evidencia no que está além do que foi mostrado. Em outras palavras, essa dinâmica que envolve tanto o visual como o audiovisual, possibilita um estreitamento com as múltiplas questões que podem ser pesquisadas para/com os jovens, ser problematizada enfocando o olhar que estes, que lêem revistas e assistem filmes, estão tendo para o que está sendo abordado, na medida de se buscar significados no que estes estão lendo e

vendo, ou seja, pensar que “(...) as imagens mostram o que ali está, o que não está, o que poderia estar, o que seria bom se estivesse, o que veio antes e o que veio depois” (ALVES *et al*, 2004, p. 20).

Pensando a contemporaneidade

Assim, a concentração, tanto nas mutações juvenis como nas produções imagéticas, garante que os jovens sejam ouvidos e entendidos, na medida em que expressam diferentes olhares e perspectivas sobre a apropriação com as visualidades circulantes. A todo o momento, as produções e reproduções imagéticas criam significações sobre inúmeros assuntos envoltos no cotidiano desses jovens, por isso, a questão recai sobre como esses jovens absorvem tais imagens e como, a partir disso, eles vão criar e recriar suas representações.

O trabalho, nesse sentido, busca ressaltar que as histórias em quadrinhos e o cinema são instrumentos propagadores de influências que conseguem fazer com que os jovens se fascinem, gastem dinheiro e fiquem em enormes filas para que possam apenas aproveitar daquele mundo que estes oferecem. Além de identificar que em diferentes séculos, os jovens se conectam. Assim, foi constatado que jovens do século XIX se ligam aos do século XX na medida em que suas lutas e aspirações por alguma causa específica são apagadas por leis adultocratas.

Essa busca por interpretar sobre duas das muitas mídias que esse universo juvenil abrange, é por entender que este estudo vem ao encontro de tentar traduzir sobre as constantes construções e representações que os jovens realizam, construindo e desconstruindo suas identidades a todo o momento. Falar sobre culturas, imagens e construções juvenis revela o quanto esse universo é amplo e complexo, necessitando, cada vez mais, de pesquisas e estudos, até porque estes se deslocam e se movem em grandes velocidades. Suas linguagens são inúmeras, suas expressões são diversas, seus grupos e culturas são complexos.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez Nº 6, p. 25-36, 1997.

ABRAMO, Helena W. *Juventude e cultura*. In: Cartilha Dito e feito. São Paulo. No. 4, 2001.

ANPED- Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Revista Brasileira de educação: *Juventude e contemporaneidade*. ANPED. número especial, 1997. P. 25-36

ALVES, Nilda; Oliveira, Inês Barbosa de. *Imagens de escolas: espaçotempos de diferenças no cotidiano*. *Educ. Soc.*, Abr 2004, vol.25, no. 86, p.17-36. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

BERINO, Aristóteles de Paula. *Pedagogia da imagem de Avatar: contágio, hibridismo e metamorfose na contemporaneidade*. Revista Espaço Acadêmico, v.10, Nº 109, p. 27-35, jun.2010

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*; tradução Alba Olmi. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: UNESP, 2008.

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas*. São Paulo: Devir, 2005, p. 75.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS, Raimundo. *Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa*. Revista do programa de pós-graduação em arte. Brasília: Editora Brasil, v.8, n.1, p.33-39, jan./jun.2009.

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Rocco, 2009.

SILVA, Roseli Pereira. *Cinema e educação*. São Paulo: Cortez, 2007.

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles de Paula. *Culturas Juvenis, Cotidianos e Currículos*. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, pp.7-20, Jul/Dez 2007. ISSN 1645-1384 Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org>>